



O (IN)EXISTENCIALISMO FEMININO EM SARTRE: UMA ANÁLISE LITERÁRIA

The Feminine (In)Existentialism in Sartre:
A literary analysis

Guilherme Matheus Veiga*

Guilherme Prado Roitberg**

Resumo: O presente artigo propõe uma elucidação para a ausência da figura feminina no existencialismo sartriano a partir da comparação de duas obras literárias existencialistas do século XX: *A náusea*, de Jean-Paul Sartre e *A mulher desiludida*, de Simone de Beauvoir. Partindo de uma análise bibliográfica acerca das relações de gênero, da Antiguidade Clássica à Idade Contemporânea, considera-se que o existencialismo se dá de forma distinta entre as personagens masculina e feminina, e que a raiz dessa diferenciação pode ser observada no decorrer do processo histórico. Conclui-se que ao conceber a liberdade de forma genérica, Jean-Paul Sartre negligencia a alteridade dos indivíduos.

Palavras-chave: Existencialismo. Relações de gênero. Jean-Paul Sartre. Simone de Beauvoir. Literatura.

Abstract: This article proposes an explanation for the absence of the female figure in Sartrean existentialism based on the comparison of two existentialist literary works of the twentieth century: *The nausea*, by Jean-Paul Sartre and *The woman destroyed*, by Simone de Beauvoir. Starting from a bibliographic analysis about gender relations, from Classical Antiquity to the Contemporary Age, it is considered that existentialism occurs in a different way between male and female characters, and that the root of this differentiation can be observed during the historical process. It is concluded that when conceiving freedom in a generic way, Jean-Paul Sartre neglects the otherness of individuals.

Keywords: Existentialism. Gender relations. Jean-Paul Sartre. Simone de Beauvoir. Literature.

* Graduado em Letras pela Faculdade de Americana (FAM). E-mail: veigaguilhermem@gmail.com

** Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador visitante na University of Groningen (RUG, Países Baixos). E-mail: guilhermeroitberg@gmail.com



Introdução

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão crítica acerca da teoria existencialista do século XX, expressa, especialmente, pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre, a fim de propor uma possível resposta para a ausência da mulher em sua concepção de existencialismo. Para essa análise, serão comparados excertos de duas obras da literatura francesa, sendo uma, o conto *A mulher desiludida* (1967) presente em livro homônimo, da escritora e filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986), e a outra, o romance *A náusea* (1938), do filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), com o intuito de exemplificar, através das motivações das crises existenciais dos personagens, porque o existencialismo sartriano não contempla as mulheres.

Para a realização dessa análise é imperativo, primeiramente, um mergulho na história das mulheres, a fim de compreender como as opressões sofridas por elas, ao longo de séculos, impediram-nas de buscar uma existência que precedesse a essência. A partir de um panorama geral da Antiguidade ao período contemporâneo, discute-se, ao longo da História, como as mulheres deixaram de representar a figura da Grande-Deusa, criadora do universo, e passaram a ser consideradas o *segundo sexo*, exercendo, essencialmente, o papel do Outro, jamais de Um, ou sujeito.

No século XX, o mundo foi assolado por duas Guerras Mundiais, e foi nesse contexto que começou a se afirmar o existencialismo, especialmente no continente europeu. A filosofia da existência – essa vasta corrente da filosofia contemporânea – surgiu alguns anos após o fim da Primeira Guerra Mundial, e se fortaleceu tornando-se mundialmente conhecida duas décadas após a Segunda Guerra¹. Dentre os intelectuais que mais se destacaram na corrente existencialista podemos mencionar Søren Kierkegaard (1813-1855), na Noruega; Martin Heidegger (1889-1976), na Alemanha; Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Simone de Beauvoir, na França. Em *O Existencialismo é um Humanismo*, produto de uma conferência proferida por Sartre em 1945, em Paris, o autor fornece uma breve definição de sua filosofia:

O que torna as coisas complicadas é que existem duas espécies de existencialistas: os primeiros, que são os cristãos, e entre os quais eu listaria Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e, por outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais é preciso colocar Heidegger, e também os existencialistas franceses e eu próprio. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de considerarem que a existência precede a essência ou, se preferirem, que é preciso partir da subjetividade.²

¹ REALE, Giovanni.; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

² SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Apresentação e notas de Arlette Elkäin-Sartre; Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 17-18.

É a partir da máxima sartriana *l'existence précède l'essence*, que a segunda parte desse artigo se concentra, explorando pontos específicos da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, em especial, a liberdade. A existência não foi apenas objeto de estudos filosóficos, mas também rendeu um número considerável de obras literárias. Em 1938, Jean-Paul Sartre publicou *La nausée*, um romance existencialista, na forma de diário, narrado em primeira pessoa, cujo personagem principal é um historiador chamado Antoine Roquentin, que vive na cidade fictícia de Bouville, onde trabalha na sua pesquisa sobre o Marquês de Rollebon, uma figura francesa do século XVIII. É durante sua estadia nessa cidade que Roquentin perceberá que algo tem mudado na sua vida. Além de não apreender as coisas como nos tempos passados, nada em sua vida aparenta ter sentido. Esse sentimento confuso será denominado pelo historiador como *náusea*.

Em 1967 a filósofa existencialista Simone de Beauvoir publica o livro *La femme rompue* uma coletânea de três contos: *L'âge de la discrétion*, *Monologue* e *La femme rompue*, que dá título ao livro. O presente artigo se aterá ao último conto, por se tratar de uma obra literária existencialista em forma de diário, assim como o romance de Sartre. *La femme rompue* é um conto narrado em primeira pessoa, tendo como personagem principal Monique, uma dona de casa que sacrificou tudo pelo seu papel de mãe e esposa. Monique vê sua vida virada de cabeça para baixo quando descobre que seu marido tem um caso com uma mulher mais jovem. Suas filhas saíram de casa, o marido se afastou cada vez mais dela e, por intermédio da escrita desse diário, a protagonista tentou compreender o que estava acontecendo em sua vida. Por meio da comparação entre as duas obras, este artigo almeja propor, por um lado, uma reflexão acerca da ausência da mulher no existencialismo de Sartre e, por outro, apresentar uma possibilidade de transcendência à essência imposta pelas sociedades patriarcais.

Do silenciamento ao feminismo: breve panorama histórico

Desde a antiga Suméria, o poder sobre a História foi dado aos reis e seus sacerdotes, monges e escribas, homens eruditos que registravam e interpretavam os feitos históricos dando significado e significância aos eventos importantes realizados por outros homens; a essa história chamaram universal³. Por muitos anos o registro da História foi monopólio dos homens e das classes dominantes, descaracterizando as mulheres como sujeitos históricos. De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), algumas instituições foram fundamentais para a manutenção dessa dominação masculina, dentre elas a escola, a Igreja e o Estado⁴.

³ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 12.

⁴ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. p. 141.

Na Antiguidade, os homens colocaram tanto a teologia como a filosofia aos seus serviços, criando sátiras e “pintando o quadro das fraquezas femininas”⁵. Na Roma Antiga, o Direito Romano definia o *status familiae* através da dicotomia *sui iuris* – sujeitos de direito, ativos na comunidade, geralmente homens adultos livres – e *alieni iuris* – sujeitos passivos, grupo que incluía mulheres, crianças e escravos – que estavam sempre sob a proteção do *pater familias*, sendo necessário um tutor para representá-los na vida pública, pois eram considerados incapazes para a vida civil⁶. O *pater familias* detinha o *vitae necisque potestas*⁷ da esposa, em alguns casos, e dos filhos. Os filhos homens poderiam ser liberados do *patria potestas* através da emancipação; já para filha, a única saída era o casamento, quando ela passava do poder do pai para o poder do marido (*manus*), sem a possibilidade de independência.

Na passagem da Antiguidade para a Idade Média, esse costume se renovou a partir de outras formas. Sob o peso do *mundium*⁸, as mulheres viviam sempre sob a tutela de um homem, fosse da família ou do marido. Possuindo poucos ou nenhum direito, assim como na Roma Antiga, a mulher era obrigada a se casar, sem a possibilidade de escolher um pretendente. Segundo Beauvoir, quando o Estado se fortalece, a tutela dos incapazes, mulheres e crianças, deixa de ser uma questão da família, e se torna pública. Com a organização do feudalismo, a situação da mulher se tornou ainda mais instável. A confusão entre os direitos públicos e privados, a propriedade e a mulher – que era tratada como um bem – não pertencia mais ao âmbito familiar, mas passou a constituir parte das poses do suserano: “Ele é quem lhe escolhe um esposo. Quando ela tem filhos, é antes a ele do que ao marido que os dá; serão vassallos que defenderão seus bens”⁹.

Visando impor e centralizar o poder socioeconômico, a Igreja Católica (e posteriormente os protestantes) investiram em tribunais da Inquisição, que assolariam a Europa através da figura de hereges e bruxas, impondo aos camponeses os padrões comportamentais e submissão à estrutura dominante. Garantiram, assim, a submissão dos trabalhadores aos seus senhores no contexto de ascensão do modo de produção capitalista, que visava um controle sobre o corpo e a sexualidade, docilizando o corpo dos trabalhadores visando a submissão, o conformismo e a resignação¹⁰. Foi nesse contexto de transição do feudalismo para o capitalismo que foi publicado, por volta do ano de 1486, o *Malleus Maleficarum*, obra que se tornou uma das principais referências

⁵ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Millier. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 19.

⁶ PINHO, Leda de. A mulher no direito romano: noções históricas acerca de seu papel na constituição da entidade familiar. **Revista Jurídica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 269-291, 2002. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/428>. Acesso em: 04 jul. 2022.

⁷ Poder sobre a vida e a morte.

⁸ *mund* (do proto-germânico *mundō “proteção”) é a potência de proteção que certos indivíduos exercem sobre outros.

⁹ BEAUVOIR, 2016, p. 136-137.

¹⁰ MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015. p. 13.

da Inquisição. Encomendado pelo papa Inocêncio VIII (1432-1492) aos dominicanos alemães Heinrich Kraemer (1430-1505) e James Sprenger (1435-1495), o *Malleus Maleficarum*, ou *O martelo das feiticeiras* se tratava de um manual para inquisidores, que continham passos a serem seguidos para caçar, identificar e torturar pessoas suspeitas ou acusadas de bruxaria. A fim de assegurarem a veracidade de suas propostas, Kraemer e Sprenger distorciam falas de grandes nomes da Igreja Católica¹¹.

Assegurado por uma bula papal, o *Malleus Maleficarum* foi o principal referencial teórico e guia para os inquisidores que, direta ou indiretamente, tiraram a vida de mais de cem mil mulheres. A obra gerou uma crise de histeria em toda a Europa, onde vizinhos delatavam vizinhos, sobre falsos pretextos de terem copulado com o demônio ou de terem usado de magia para matar o gado ou atear fogo nas plantações. A Idade Moderna foi marcada, também, pelas Grandes Navegações, expedições marítimas, realizadas por europeus entre os séculos XV e XVI, com o intuito de atracar em terras do Novo Mundo, para estabelecerem colônias e explorarem recursos naturais. A colonização do Brasil, pelos portugueses, iniciou-se por volta de 1534 e terminou com a Independência, em 1822. A colonização agrária somada à tradição escravagista portuguesa alicerçou o patriarcalismo brasileiro, que estabelecia as relações entre os parentes e a obediência dos escravos. Até o século XVIII, as famílias estavam instaladas em grandes fazendas e engenhos nas zonas rurais. Nesse contexto, o chefe da família, como uma espécie de *pater familias* romano, detinha poder sobre a esposa, os filhos, os escravos e os agregados. Sendo temido por todos, ele impunha suas próprias leis aos seus dominados. A esposa devia se submeter a essas leis sem questionar: “A família patriarcal foi resumida assim: ‘pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados’”¹².

As mulheres, pobres ou ricas, tinham o dever de fazer o trabalho de base para a edificação da família patriarcal. Deviam cuidar da educação dos filhos, seguindo os preceitos da Igreja, além de respeitar e acatar as ordens do marido e serem castas. Sob influência da Igreja, essa sociedade construiu uma imagem idealizada de feminilidade, na qual as mulheres deveriam se aproximar ao máximo do modelo divino de Nossa Senhora. De acordo com Del Priore¹³, as mulheres eram divididas em dois grupos: as corretas, que compreendia as mulheres casadas; e as erradas, concubinas e imorais. As mulheres que não fossem casadas beiravam a desclassificação social e o matrimônio se tornava a melhor garantia de segurança e ascensão social, uma vez que elas só possuíam o *status* de esposas ou mães; caso contrário, inexistiam na sociedade.

¹¹ BYINGTON, Carlos Amadeu B. O martelo das feiticeiras à luz de uma teoria simbólica da história. In: KRAMER, H; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015. p. 22.

¹² DEL PRIORE, Mary L. Murray. **Histórias e conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014. p. 12-13.

¹³ DEL PRIORE, 2014, p. 20.

Com o advento da Revolução Francesa no final do século XVIII, esperava-se que a condição das mulheres sofresse grandes mudanças. Contudo, de acordo com Beauvoir, não foi isso que ocorreu. Para a filósofa, “a revolução burguesa mostrou-se respeitosa das instituições e dos valores burgueses; foi feita quase exclusivamente pelos homens”¹⁴. Apesar de terem participado ativamente na revolução e marchando ao lado dos homens até Versalhes, não foram elas que colheram os frutos das reivindicações sociais. As camponesas e trabalhadoras conquistaram maior independência: tinham a liberdade de trabalhar fora de casa, de frequentar tavernas e de dispor de seus corpos como bem lhes aprouvera, vivendo em um estado quase de equidade em relação ao homem. Entretanto, era no plano econômico que a diferença se mostrava. As camponesas eram tratadas como serventes, não se sentavam à mesa com o marido e os filhos na hora das refeições. Performavam um papel de autoridade no lar familiar, mas a tradição de timidez e submissão ainda pesava sobre elas.

Foi no século XIX que ocorreu a chamada primeira onda feminista, baseada em uma longa trajetória de luta pela igualdade de direitos sociais e políticos entre homens e mulheres, capitaneada pelo movimento sufragista. Influenciada pelo existencialismo de Simone de Beauvoir, a segunda onda se estabeleceu por volta da década de 1970, com uma ampla gama de reivindicações relacionadas à sexualidade, ao direito de escolha, à valorização do trabalho feminino e contra a violência sexual. Sua obra *O Segundo Sexo* (1949) – um extenso ensaio sobre a história e a condição da mulher na sociedade – adquiriu grande repercussão nesse contexto. Entretanto, Heci Candiani pondera que tanto na Europa quanto nos Estados Unidos a recepção de *O Segundo Sexo* foi permeada por duras críticas, principalmente no campo intelectual francês, predominantemente masculino. Albert Camus (1913-1960) e François Mauriac (1885-1970) foram os seus críticos mais ferrenhos, tendo Camus acusado, em tom de piada, Beauvoir de ter “desonrado o macho francês”¹⁵.

Na conclusão desse breve panorama histórico, considera-se que a trajetória de mulheres como a filósofa e poetisa suméria Enheduanna (2286-2251 a.C), a poetisa e filósofa grega Safo de Lesbos (630-604 a.C), a filósofa, teóloga, compositora, naturalista, cientista e poeta Hildergard van Bigen (1098–1179), a *femme des lettres* Cristina de Pisano (1363–1430) e a dramaturga, ativista política, feminista e abolicionista francesa Olympe de Gouges (1748-1793) denotam que, longe de se restringir às ondas feministas da contemporaneidade, a resistência das mulheres à opressão e à exploração da sociedade patriarcal se insere nesse longo e complexo processo marcado por rupturas e permanências. Essa dicotomia entre opressão e resistência também está presente na Filosofia e na Literatura, conforme observa-se nos romances existencialistas.

¹⁴ BEAUVOIR, 2016, p. 158-159.

¹⁵ CANDIANI, Heci Regina. O que pode ser criticado nas críticas a *O Segundo Sexo*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 56, e195601, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200301. Acesso em: 04 jul. 2022.

Existencialismo e Literatura: *La nausée* e *La femme rompue*

Não pretendemos redigir aqui uma longa exposição sobre o existencialismo, dadas as limitações impostas pelo nosso recorte. Entretanto, para analisarmos adequadamente os desdobramentos do existencialismo na literatura sem recorrer a simplificações sobre uma corrente filosófica tão complexa, é necessário considerarmos suas origens e seus principais elementos estruturantes. Em linhas gerais, considera-se que as bases do existencialismo foram delineadas no século XIX pelo filósofo cristão dinamarquês Søren Kierkegaard (1815-1855), que contestou a ênfase na racionalidade do Iluminismo empreendida pelos filósofos iluministas e a sistematização da dialética de Hegel (1770-1831). A redução fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938), que buscou compreender o sujeito como um fenômeno único e livre de predeterminações e a ontologia de Martin Heidegger, que considerava que o *Dasein* (ser-aí) não possuía uma essência ou uma natureza predeterminada tiveram profunda influência sobre a filosofia desenvolvida por Sartre.

Muitos são os outros pontos que compõem o *Dasein*, que Heidegger chamará de existenciais (*Existenzialien*), que apareceram nas obras de Sartre, entre eles a discussão sobre a angústia e seu papel para a compreensão da existência. Em *O existencialismo é um humanismo*, de forma similar a Heidegger, Sartre postula que a existência precede a essência, ou seja, os objetos que circundam a vida humana, diferentemente dos seres humanos, foram criados para fins específicos, predeterminados. Ao contrário de um corta papel, o homem existe, interage com o mundo e com os outros, e só então se define ou se impõe uma essência¹⁶. Para Sartre, o homem sempre tem uma escolha, não podendo jamais se abster ou direcionar as consequências dessa escolha para outro, seja esse outro uma pessoa ou uma divindade. A humanidade está condenada a ser livre, pois a liberdade, considerada como inerente à existência, não pode ser dada nem retirada. Sartre não ignora as determinações de ordem social ou biológicas, mas considera que elas não são capazes de cercear a liberdade, podendo-se sempre se rebelar (transcender) a determinado tipo de opressão, e interpretá-la de diferentes formas¹⁷.

O conceito de liberdade desenvolvido por Sartre, assim como sua filosofia *in totum*, influenciaram outros filósofos contemporâneos, incluindo Simone de Beauvoir. Em seu ensaio *O segundo sexo* (1949), munida de referências históricas, literárias, biológicas e médicas, Beauvoir busca compreender como se deu a construção social da feminilidade ou do sagrado feminino. Ao final do primeiro tomo, intitulado *atos e mitos*, Beauvoir afirma que “*on ne naît pas femme, on le devient*”, que, resumidamente, sugere que a feminilidade não é um dom dado naturalmente, biologicamente ou psicologicamente, mais uma construção histórico-social (tradução nossa). Além

¹⁶ SARTRE, 2014, p. 18.

¹⁷ REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 89.

dos textos teóricos, a literatura foi primordial para a popularização do existencialismo no século XX. Através de romances, contos e peças teatrais, aqueles que não faziam parte dos círculos intelectuais podiam apreender alguns aspectos da filosofia da existência.

Simone de Beauvoir¹⁸ considerou que as duas áreas são complementares e somente um *romance metafísico* seria capaz de provocar uma descoberta da existência, que nem a filosofia, nem a literatura pura conseguiriam fazer. Esse romance possibilitaria a conciliação entre o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico, o encontro da essência no coração da existência, evocando na sua singularidade o brotar original da existência. O escritor não deve, segundo a filósofa, utilizar de verdades preestabelecidas pelo plano filosófico, mas explorar os aspectos da experiência metafísica, o subjetivo, o dramático, recuperando tudo aquilo que é próprio do instante e do ser humano. A literatura torna-se, assim, um campo profícuo para se analisar questões caras à filosofia.

Publicado pela primeira vez em 1938, o romance diarístico sartreano *A náusea* relata, em primeira pessoa, o cotidiano do intelectual Antoine Roquentin, que sofre ao perceber a ausência de sentido na vida. Na cidade de Bouville, onde desenvolve sua pesquisa, Roquentin começa a registrar no seu diário os sentimentos que o atravessam ao longo dos dias, culminando em uma desconcertante sensação, que ele denomina *náusea*. Anos depois, em 1967, Simone de Beauvoir publica *A mulher desiludida*, uma coletânea de três novelas, que possuem como personagens centrais três mulheres. A última novela, que dá nome ao livro, relata, também em forma de diário, a vida de Monique, uma mulher de meia-idade, que descobre que tem sido traída pelo marido. A ausência das filhas e o distanciamento do marido fazem com que Monique se ache inútil, não encontrando mais um sentido para a vida.

Os dois textos foram selecionados para a presente análise pois, apesar da distância de três décadas, ambos compreendem romances existencialistas, apresentam narrativa em primeira pessoa no gênero diário e possuem personagens, de sexos opostos, em meio a uma crise existencial, permitindo a compreensão de elementos fundamentais do existencialismo. No início de *A náusea* percebe-se que a motivação para que Roquentin comece a escritura do diário é diferente da motivação de Monique, protagonista de *A mulher desiludida*:

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classificá-los. É preciso

¹⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O existencialismo e a sabedoria das nações**. Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Porto: Minotauro, 1965. p. 94.



que diga como vejo essa mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi isso que mudou. É preciso determinar a extensão e a natureza dessa mudança.¹⁹

Roquentin decide anotar os fatos que ocorrem no seu dia a dia, em relação aos objetos que o circundam, às pessoas que ele vê na rua, a fim de analisá-los e de compreender o que se passa, o que e como mudou. A motivação de Roquentin não implica a presença ou ausência de outras pessoas. Monique, por outro lado, começa a escrever como uma atividade reabilitadora, com Maurice, seu marido, viajando e com as filhas já crescidas, sem a obrigação de performar um papel de mãe e esposa. Ela rememora seus tempos de juventude e sente ter reconquistado uma alegria já esquecida:

Temia a solidão desta volta a Paris. Até aqui, na falta de Maurice, as pequenas me acompanhavam em todas as minhas viagens. Julgava que os encantamentos de Colette, as exigências de Lucianne iriam me faltar. E eis que me é devolvida uma espécie de alegria olvidada. Minha liberdade me remoça vinte anos. E a tal ponto que fecho o livro, comecei a escrever para mim mesma, como fazia há vinte anos.²⁰

Antes do súbito sentimento de alegria, a personagem supunha que sofreria com a solidão da viagem, uma vez que estava sempre acompanhada do marido ou das filhas. O encarceramento de Monique à vida familiar lhe privava da liberdade e esta lhe retorna no momento em que se vê despida das responsabilidades que recaíam sobre ela, embora, para Sartre, a liberdade não pode ser dada, nem tirada. O devotamento ao lar, ao marido e aos filhos, foram aspectos imprescindíveis na criação de uma *essência feminina*, especialmente baseada no arquétipo mariano, segundo o qual a mulher deveria dizer sempre *sim* e resignar-se para o bem da família. Desse modo, ao longo de séculos, foi-se construindo a imagem de mulher ideal, construções sociais e psicológicas criadas por sociedades patriarcais que implementariam no imaginário das mulheres que a sua existência só seria possível através de sua relação com terceiros, que a mulher só existiria como mãe ou esposa e, se solteira, como filha. Já ao homem nada disso era necessário, ele existiria através de suas próprias escolhas, através de si. Em *A náusea*, Roquentin afirma que: “Não tenho problema, tenho dinheiro, fruto de rendas, não tenho patrão, nem mulher, nem filhos; existo, é tudo”²¹.

Ao personagem masculino, a falta de uma família não causa preocupação alguma, o sentido de sua existência não é esvaziado por não ter seguido uma vida na qual seria pai e esposo. Podendo escolher como viver, as responsabilidades que recaem sobre o personagem, como a de viver uma vida sozinho, na qual as únicas pessoas com quem ele nutre uma relação é com um

¹⁹ SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 15.

²⁰ BEAUVOIR, Simone de. **A mulher desiludida**. Tradução de Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. p. 93.

²¹ SARTRE, 2019, p. 125.

amigo (que ele não considera muito) e a dona do bar-hospedaria com quem ele mantém eventuais encontros sexuais, não parecem provocar-lhe efeito algum:

Quanto a mim, vivo sozinho, inteiramente só. Nunca falo com ninguém; não recebo nada, não dou nada. O Autodidata não conta. É verdade que existe Françoise, a dona do *Rendez-vous des Cheminots*. Mas falo com ela? Algumas vezes, após o jantar, quando me serve um chope, pergunto-lhe: — Dispõe de tempo esta noite? Ela nunca diz não [...].²²

Para a personagem de Beauvoir, qualquer tentativa de viver uma vida que não seja dedicada à família a exaspera: “Eis uma das razões — a principal — pela qual não tenho nenhuma vontade de me fechar numa profissão: suportaria mal não ficar totalmente à disposição das pessoas que têm necessidade de mim”²³. Segundo Del Priore, a mulher que não representasse o papel de boa esposa e mãe, seria considerada um “diabo doméstico”²⁴. Para as mulheres que não aceitassem assumir as atribuições do sagrado feminino, as responsabilidades seriam ainda mais pesadas que aquelas impostas aos homens. Ao negar a sua essência, a mulher é classificada, assim como foi ao longo do processo histórico, no grupo das *erradas*, que compreende mulheres solteiras, de vida sexual ativa e que ousam desempenhar funções ditas exclusivas do sexo masculino.

No momento em que suas filhas se tornam independentes, Monique se depara com um rompimento brusco dos laços familiares, após viver uma vida devotada ao cuidado do Outro. A personagem afirma que existe uma dificuldade em voltar esse cuidado para si:

Eu passo um pouco de tempo demais em casa de Colette depois que ela sarou. Apesar da sua grande gentileza, sinto que minha solicitude corre o risco de importuná-la, quando se viveu de tal maneira para os outros, é um pouco difícil de se converter em viver para si. Não cair nas armadilhas da dedicação: eu sei muito bem que as palavras dar e receber dão intercambiáveis e como eu tinha necessidade da necessidade que minhas filhas tinham de mim.²⁵

Sartre afirma que se pode sempre transcender as situações as quais se está submetido, porém, renunciar a uma essência feminina dada significa, para a mulher, negar todo um processo histórico que a coloca no lugar do Outro, nunca do Eu. Para se niilificar as facticidades, antes de mais nada, é necessário reconhecê-las. Entretanto, quando essas foram forjadas, embutidas e naturalizadas dentro de um imaginário popular, a tarefa de identificá-las, como algo não-natural, é muitas vezes árdua. Essa naturalização do encerramento da mulher à vida doméstica é delineada

²² SARTRE, 2019, p. 22.

²³ BEAUVOIR, 2003, p. 96.

²⁴ DEL PRIORE, 2014, p. 12.

²⁵ BEAUVOIR, 2003, p. 109.



de forma sutil em *A mulher desiludida*, quando Monique percebe que Colette, a filha de quem ela é mais próxima, não seguiu seus estudos para escolher um caminho parecido com seu:

Eu não sei por que, ao vê-la indo e vindo em seu pequeno apartamento, compreendi um pouco o pesar de Maurice. Ela não era menos inteligente que sua irmã. A química a interessava e seus estudos iam bem, é pena que ela os tenha parado. Que vai fazer dos seus dias? Deveria aprová-la: escolheu o mesmo caminho meu [...].²⁶

Embora a rotina da filha tenha suscitado esses pensamentos, Monique ainda a aprova de uma certa maneira, não vendo a resignação da filha como um problema que precisa ser resolvido, afinal, ela apenas escolheu uma vida semelhante à vida da mãe, ratificando, dessa forma, a ideia de mulher ideal que foi construída e naturalizada. Em relação a Lucienne, a filha de quem Monique se sente mais distante, a personagem tece duras críticas ao estilo de vida da filha, que escolheu não constituir uma família, negando, assim, parte fundamental da *essência feminina* dada²⁷. O fato de Lucienne ter optado por uma vida diferente da sua incomoda Monique. Seus comentários sobre as ações da filha exemplificam como a sociedade caracteriza a mulher que se nega às imposições de uma essência e que busca viver uma vida autêntica, distante de predeterminações opressoras: “Qualquer coisa está errada com Lucienne. Há nela, hesito em escrever a palavra — ela me causa horror mas é a que me convém: maldade. Crítica, sardônica, língua afiada”. Ela “fez um esforço para me apresentar pessoas, mas, no geral, vive muito só”²⁸.

A mulher que é produto dos determinismos sociais, que julga a filha que decidiu seguir uma vida diferente da sua, não conhece o mundo através dos outros. Essa questão faz-se evidente nas relações dos personagens com os objetos que os circundam, tanto no personagem de Sartre, que descreve ao longo do romance as interações e reflexões que Roquentin possui em relação aos objetos, quanto com Monique que afirma que “O amor de Maurice dava importância a cada minuto de minha vida. Ela está vazia. Tudo é vazio: os objetos, os instantes e eu”²⁹. Monique compreende e sente os objetos apenas através do marido, considerando-os vazios sem alguém que lhes confira um significado. Diferentemente de Monique, Roquentin tem uma relação particular com os objetos; é ele que, com o passar do tempo e conforme toma consciência das pequenas metamorfoses que lhe aconteceram ao longo da vida, infere um significado aos objetos:

Em minhas mãos, por exemplo, há algo de novo, uma determinada maneira de segurar meu cachimbo ou meu garfo. Ou então é o garfo que tem agora uma determinada maneira de ser segurado, não sei. Ainda pouco, quando ia entrando em meu quarto, parei de repente, porque sentia em minha mão um objeto frio que

²⁶ BEAUVOIR, 2003, p. 106.

²⁷ BEAUVOIR, 2003, p. 187.

²⁸ BEAUVOIR, 2003, p. 187.

²⁹ BEAUVOIR, 2003, p. 158.



retinha minha atenção através de uma espécie de personalidade. Abri a mão, olhei: estava segurando apenas o trinco da porta.³⁰

Roquentin não confere significado aos seus objetos através da relação deles com outra pessoa. Ele vive só, vive apenas para si, como acha melhor. Sem as imposições sociais, ele pode exercer a sua liberdade, não possuindo nenhuma definição que o caracterizaria como um *homem errado*, que o obrigaria a renunciar a uma vida autêntica, para servir a família. Monique, por outro lado, não reconhece mais que possui desejos próprios, as construções de seu papel social foram de tal modo introduzidas, que ela as aceita sem perceber, como sendo algo dado naturalmente:

‘Você é maravilhosa’, me dizia Maurice. — Ele me dizia isso frequentemente, sob qualquer pretexto — ‘Porque para você dar prazer aos outros, é antes dar prazer a você mesma’. Eu ria: ‘Sim é uma forma de egoísmo’. Aquela ternura em seus olhos: ‘A mais deliciosa que existe’.³¹

Para a personagem, viver seus prazeres através dos prazeres que dá aos outros é algo natural e que faz parte da sua essência. Não sendo possível questionar o que lhe foi dado como essência – pois as responsabilidades que recaíam sobre ela seriam mais pesadas que aquelas que recaem sobre o marido que a traiu – ela se condena a uma vida inautêntica.

Se no existencialismo a angústia é parte fundamental da transcendência, ela também se dá de modo diferente para os personagens de Sartre e Beauvoir. Roquentin decide que não pode mais escrever a história do Marquês de Rollebon. Ao se questionar sobre uma possível objeção que poderiam fazer sobre seu texto, Roquentin diz a si mesmo: “Como então, eu que não tive forças para reter meu próprio passado posso esperar salvar o de outra pessoa?”³² O presente adquire um peso antes inexistente para o personagem ao perceber que o passado já não é nada, que o marquês está morto e que o próprio passado já acabou, e não apenas se retirou por um instante como ele havia pensado. Nesse momento, Roquentin percebe que, para escapar de sua própria existência, ele a emprestava ao personagem do marquês. Assim, era o marquês que existia por Roquentin, mas agora ele está morto pela segunda vez e alguma coisa se precipita sobre o historiador: “A coisa, que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. — Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, refluí sobre mim. Existo.”³³

Em um ato de *má-fé*, Roquentin negava sua existência, ignorava-a. Não precisou ultrapassar nenhuma facticidade imposta precedentemente. Nada o definia, apenas ele próprio se negava a existir. Dessa forma, a busca por uma existência, por uma vida autêntica, não implicou, para o homem a negação de todo um projeto de vida. Por outro lado, se o personagem sartriano

³⁰ SARTRE, 2019, p. 19.

³¹ BEAUVOIR, 2003, p. 109.

³² SARTRE, 2019, p. 114.

³³ SARTRE, 2019, p. 117.

teve êxito e existe, o desfecho da personagem beauvoiriana é diferente. Se a *angústia* se distingue do medo, no ponto em que o medo é a apreensão irreflexiva de que algo exterior ao sujeito possa-o fazer algum mal, é justamente *medo* que sente Monique ao final do conto, não angústia:

Não quis que Colette ficasse para dormir. É preciso que eu me habitue. Sentei-me diante da mesa. Estou sentada. E olho essas duas portas: o escritório de Maurice, nosso quarto. Fechadas. Uma porta fechada, qualquer coisa que espreita, atrás. Ela não se abrirá se eu não me mexer. Não mexer. Jamais. Parar o tempo e a vida. Mas eu sei que me mexerei. A porta se abrirá lentamente e eu verei o que tem detrás. É o futuro. A porta do futuro vai se abrir. Lentamente. Implacavelmente. Estou no limiar. Só existe essa porta e o que espreita atrás dela. Tenho medo. E não posso chamar ninguém por socorro. Tenho medo.³⁴

Monique está apreensiva sobre o futuro que a espera. Sem o marido, tenta se habituar à solidão. Ela teme o que está por vir e ainda sente a necessidade de que alguém esteja lá para salvá-la. A ideia de existir só a incomoda, uma vez que ela simplesmente não sabe o que é existir sem que seja para o outro. A possibilidade de ser está prestes a se expor a ela, mas ela se nega a recebê-la, a mover-se. Monique se nega a existir. Como produto de uma história que explora e oprime mulheres, que as retira o direito de existirem, que as impõem uma essência, que as classifica como meretrizes e bruxas caso desejem negar essa essência, Monique tem medo. Monique, ainda, não existe.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo propor uma nova perspectiva sobre a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e uma possível elucidação para a inexistência da mulher no existencialismo sartriano, através da comparação entre a sua obra *A náusea* e o conto *A mulher desiludida* de Simone de Beauvoir. Para corroborar a análise, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a mulher ao longo da história, bem como a exposição do conceito sartriano de liberdade. A partir da comparação entre os dois romances, sem desconsiderar os diferentes contextos em que foram produzidos, foi possível constatar que a liberdade e a existência, em uma perspectiva de gênero, se dão de forma distinta para os personagens. Infere-se, ainda, que essa diferenciação possui raízes históricas em uma estrutura patriarcal que ao mesmo tempo que impõe à mulher uma essência, cria mecanismos que impedem sua transcendência.

Destaca-se que o objetivo do artigo não foi negar a liberdade em Sartre, mas analisar criticamente a sua concepção de existência. Ao conceber a liberdade de forma genérica, como se todos os entes se relacionassem com ela no mesmo nível, independentemente de suas facticidades, Sartre negligencia a alteridade dos indivíduos. As mulheres possuem, assim como todos os sujeitos,

³⁴ BEAUVOIR, 2003, p. 189-190.

uma liberdade. Contudo, para exercê-la, o caminho percorrido por elas conta com inúmeros obstáculos. Sendo assim, é importante ressaltar a relevância social deste artigo na desnaturalização das desigualdades de gênero, inclusive no seio das filosofias mais progressistas e libertárias. Por fim, não se espera que o artigo esgote o tema em questão, almejando que, a partir dessa perspectiva crítica, novos estudos possam surgir. Outros prismas poderiam ser utilizados para uma análise semelhante, dentre elas as perspectivas de classe, de sexualidade e de raça, ou qualquer outra que rompa com o espectro branco-masculino-cis-heterossexual das sociedades patriarcais.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O existencialismo e a sabedoria das nações**. Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Porto: Minotauro, 1965.
- BEAUVOIR, Simone de. **A mulher desiludida**. Tradução de Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Millier. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BYINGTON, Carlos Amadeu B. O martelo das feiticeiras à luz de uma teoria simbólica da história. *In*: KRAMER, H; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.
- CANDIANI, Heci Regina. O que pode ser criticado nas críticas a *O Segundo Sexo*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 56, e195601, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200301. Acesso em: 04 jul. 2022.
- DEL PRIORE, Mary L. Murray. **Histórias e conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. *In*: KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.
- PINHO, Leda de. A mulher no direito romano: noções históricas acerca de seu papel na constituição da entidade familiar. **Revista Jurídica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 269-291, 2002. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/428>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- REALE, Giovanni.; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.



REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Apresentação e notas de Arlette Elkain-Sartre; Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Recebido em: 04 jul. 2022

Aceito em: 21 jul. 2022